

"TV digital não é panaceia"

Valério Brittos deixa um vazio na Pesquisa da Comunicação

Carlos Alberto Moreira Tourinho*

Valério Cruz Brittos nos deixou em 27 Julho de 2012, aos 48 anos. Jornalista, Professor e Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas era titular do Programa de Pós-Graduação e Comunicação da Unisinos (RS). Autor de uma ampla bibliografia com ênfase na Economia Política da Comunicação atuava fortemente na pesquisa da televisão e suas transformações contemporâneas. Valério Brittos fora meu avaliador no curso de Pós-Graduação na UFES concluído com a pesquisa "Inovação no Telejornalismo" que, com seu aval, foi publicada em formato de livro. Esta entrevista, originalmente gravada em vídeo, foi feita no âmbito de minha tese de Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal.

Encontramo-nos na cidade do Porto durante o 7º Congresso da SOPCOM, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, em Dezembro de 2011. Aqui ele fala da televisão digital, do telejornalismo e, sobretudo, da interatividade. Foi otimista quanto ao futuro da televisão, mas realista quando fala da tevê digital brasileira: "não é aquela panaceia que todo mundo dizia que seria" ou se refere à importância da interação no telejornal: "a interatividade é um passo para um telejornal que queira ser competitivo. É uma questão muito mais concorrencial do que qualitativa".

Carlos Tourinho: Como está o processo de implantação da tevê digital no Brasil?

Valério Brittos: A TV digital no Brasil está entrando no quinto ano. Terminando o quarto e começando o quinto ano de desenvolvimento, ela vem se expandindo. Especialmente pela ação das empresas de televisão que estão instalando operadores de TV digital na maior parte de locais possíveis. Agora, por parte da população, ainda se vê um pouco de dificuldade das pessoas descobrirem o valor da tevê digital. Ainda não há essa coisa mais clara. Por outro lado, o que vem se expandindo muito e que impacta um pouco a tevê digital é essa chamada *smart* via – a tevê conectada, *broadband tv* (TV de banda larga). Tem crescido muito a compra de aparelhos que conectam a televisão na internet. Isso eu acho que pode ser interessante, pois também acaba impactando a tevê digital terrestre. A tevê digital terrestre, por ser radiodifusão, tem uma série de limitações, inclusive quanto a interatividade, já que o canal de retorno não está embutido na radiodifusão. E aí acaba sendo essa tevê em que o canal de comunicação da internet torna-se o canal de retorno. Isso acaba impactando a televisão digital terrestre. Por outro lado, o SBT lançou agora, um sistema de disponibilização de vídeo importante na área da tevê digital. Unindo a tevê digital e a radiodifusão e unindo

também o portal da internet. Eu acho que, aos poucos, vai acontecendo uma série de movimentos que mostram que a televisão digital não é aquela panaceia que todo mundo dizia que seria. Mas, enfim, quem estuda, quem trabalha com isso, quem conhece isso, sabe que não tinha como ser. A televisão é o que é, e o mundo não vai mudar porque chegou a televisão digital. Ainda assim, dentro dos limites possíveis da tecnologia, da sociedade, eu acho que as coisas vão acontecer.

CarlosTourinho: Essa opção pela tevê conectada foi uma estratégia da indústria, que correu por fora do que o governo previa, que era o uso do Ginga. O senhor acha que a tevê conectada está inviabilizando a tevê digital planejada com o Ginga?

Valério Brittos: Eu acho que ela (a tevê conectada) não inviabiliza a tevê digital, eu acho que até alavanca, porque a tevê conectada acaba sendo também uma plataforma de recepção da tevê digital. Agora, em termos de modelo de interatividade, sem dúvida, o Ginga sempre teve uma séria dificuldade de aceitação por parte da indústria. Dificuldade para ser normatizado, para ser aceito enquanto um *middleware* necessariamente embarcado nos televisores. Enfim, tem havido todo tipo de dificuldade. Isso aí foi o que acabou atrasando, não tanto a tevê digital, mas a interatividade da tevê digital.

CarlosTourinho: Enfim, o Ginga será obrigatoriamente embarcado nos televisores...

Valério Brittos: Ele já é obrigatório e todos terão que trazer isso, mas só que pode ser desnecessário. Isso é o que se coloca... Se todos, todos não, mas se crescentemente a televisão conectada for uma realidade, as pessoas vão poder fazer a sua interatividade de outra forma. Não necessariamente recorrendo ao Ginga. De de toda forma, este novo sistema que foi lançado pelo SBT é plenamente compatível com o Ginga. Portanto, eu particularmente sou um defensor. Eu acho que tem que ter um modelo de interatividade. Seja interatividade local, que não precisa do canal de retorno ou interatividade avançada, com um canal de retorno que independa de ser uma televisão conectada. O sistema do Ginga permite isso. Agora, a tendência, me parece, é de fazer um *bypass* (desvio) pelo Ginga. Isso é o que a indústria quer. Qual é o grande problema, digamos assim, do modelo da indústria, inclusive do Ginga? O modelo de tevê digital brasileiro, não só do Ginga, mas do SBTVD, ele é um modelo de tevê digital gratuito, tevê aberta, tevê gratuita, ou pelo menos sem pagamento direto pelo consumidor. Porque pagamento sempre há, está embutido no preço dos produtos, por causa da publicidade. No caso da tevê conectada, ela dribla isso, permitindo que se comprem produtos através desses sistemas que estão embarcados nessa tevê conectada, que permite que se tenha um conjunto de Netflix, enfim, um conjunto de produtos audiovisuais, que a pessoa possa comprar e assistir pela televisão. Então, no caso da rentabilidade, não só da indústria de

produtos, mas da indústria que fornece e que distribui produtos, é muito mais interessante.

CarlosTourinho: Têm sido apontados dois entraves principais nessa questão da interatividade. Um é este canal de retorno, uma questão que, realmente, não se tem uma solução definitiva. E a outra é o custo econômico de se oferecer interatividade, uma vez que haveria uma necessidade das operadoras produzirem conteúdos extras, sem que necessariamente recebam dinheiro a mais por isso. O senhor concorda?

Valério Brittos: É verdade, não é? Quanto ao canal de retorno, a expansão da banda larga é quase natural. Há iniciativas como o PNBL (Plano Nacional de Banda Larga), que é cheio de problemas, mas existe. Isso tudo deve contribuir para que se tenha essa questão um pouco mais definida. E acaba sendo a internet um canal de retorno. Sempre lembrando que não é só radiodifusão. Portanto, é a tevê digital mais um outro canal de retorno, que vai além da radiodifusão. Então, isso aí, em algum momento, tende a ser medianamente resolvido. Agora, quanto a questão dos custos, a própria indústria lança perguntas. Por um lado tem que disponibilizar conteúdo, essencialmente produzir conteúdo. E se faz uso do canal de retorno, no caso da interatividade local, a própria produção coloca uma série de dúvidas. Se as pessoas vão assistir um pouco da interatividade, elas podem estar deixando de assistir o conteúdo principal. Concorrência com o próprio conteúdo principal. Ou até com a publicidade, o que seria pior ainda. Por outro lado, não tem como vender... Se a interatividade for feita usando um outro canal de retorno, pior ainda. Imagine montar um grande *call center* para receber isso tudo sem um modelo de financiamento muito claro. Imagine o custo dessas emissoras para montarem ou contratarem uma empresa terceirizada para fazer interatividade, se elas não podem cobrar por esse conteúdo e se não tem uma maneira de financiamento. Portanto, isso tudo parece uma questão ainda mais grave que é a dificuldade da interatividade com um canal de retorno.

CarlosTourinho: No modelo de tevê digital aberta e gratuita, o senhor enxerga o conceito de interatividade mais no sentido de uma reatividade, no sentido de uma escolha diante do que a emissora disponibiliza para o telespectador, do que ela concede? Ou consegue ver esta interatividade como uma possibilidade de “poder”, de divisão de poder, de partilha de decisões?



Valério Brittos: A televisão mudou muito. Essencialmente a partir dos anos 80, desde o vídeo cassete e o controle remoto. Enfim, ela vem mudando. Ao contrário de alguns autores que preveem o fim da televisão, nós acreditamos que a televisão aumentou o seu espaço. Hoje nós trabalhamos um conceito chamado Pluri TV. A Pluri TV é a tevê que está em todos os lugares. Ela nos acompanha no celular, nos acompanha na internet, na fila do ônibus, no metrô, seja onde for. Essa tevê deixa de ser aquela tevê que as pessoas precisam ter uma dedicação exclusiva. As pessoas fazem outra coisa enquanto veem tevê. Ela deixa de ser tão importante, mas está muito presente. Nesta tevê a interatividade é muito importante. Alguns desses dispositivos acabam sendo quase que de programação livre por parte do consumidor. Se nós pensarmos em televisão no sentido amplo, você pega a televisão que está disponível, por exemplo, no You Tube. Ali as pessoas tem uma capacidade de disponibilizar conteúdos enormes e outras tantas iniciativas. Por exemplo, o nosso grupo de pesquisa tem um canal de tevê chamado Cepos TV. Isso é uma coisa que no sistema tradicional seria inviável. Um grupo de pesquisa ter um canal pelo custo que é, enfim, isso não estaria posto. Então, eu acho que há um deslocamento efetivamente na questão do poder que se tem, sejam de indivíduos isolados ou grupos sociais tradicionalmente excluídos disso. A produção de audiovisual também baixou de custo. Hoje tem uma coisa chamada TVT, a tevê dos trabalhadores – ligada ao Sindicato do Lula...

Agora, no chamado broadcasting, a tevê tradicional, Globo, SBT, Record – no caso do Brasil – ou das suas similares, eu acho que, nesse caso, a interatividade, pelo menos no horizonte vislumbrável de curto prazo, é uma possibilidade muito mais reativa. Uma possibilidade para o sujeito reagir, escolher o gol ou mandar uma informação. É muito mais isso do que ser um co-programador – que é essa partilha do poder. Eu não consigo ver isso nesse modelo tradicional de televisão. Pelo menos num horizonte vislumbrável. Mas, como a gente está tratando uma realidade que, não só mudou muito, que está sempre mudando, e que vai mudar, isso tudo é possível... Mas, no curto prazo não vejo dessa maneira.

Carlos Tourinho: Em relação especificamente ao telejornal, o telespectador ainda quer se sentar diante da televisão e assistir ao telejornal de uma forma passiva, como defendem muitos, ou esse telespectador quer ter diante da televisão, do telejornal, uma atitude parecida com aquela que ele tem na internet?

Valério Brittos: O telespectador, seja para telejornal, seja para o que for, ele já não tem mais aquela paciência. Quanto mais jovem, menos paciência tem. Antes, ele chegava, se

prostrava em uma poltrona e ficava vendo, recebendo conteúdos que eram unicamente despachados para ele. Hoje as pessoas mudam de canal com muita frequência. Não estão gostando, mudam logo de canal. Elas cansam daquilo ali. Então me parece que a televisão tradicional tem um papel muito grande, ainda, de fornecer conteúdos para as pessoas, mas eles têm que ter um espaço de complemento pela interatividade. Portanto, eu acho que o telejornal tem que conseguir não só ampliar informações, mas dar algum outro tipo de informação além... Tanto que os telejornais populares estão sempre com o *lettering* rodando, complementando informação. E não só os populares. Na tevê por assinatura, você pega a Globo News e isso é relativamente comum. Então, eu não acho que o telespectador vá ser co-construtor do telejornal. O telejornal vai ter seus editores que vão programar aquilo ali. Agora, eles têm que programar mais, pra que a pessoa não fique unicamente parada e possa mexer, possa ter mais informações, possa brincar um pouco. As pessoas estão querendo isso.

CarlosTourinho: O senhor imagina, por exemplo, uma televisão com um fluxo contínuo de programação, como ela tem hoje, paralelo a uma televisão com um fluxo descontínuo? Com as pessoas podendo escolher as notícias que elas querem, na ordem que elas quiserem? Há possibilidade de se ter esses dois sistemas paralelamente?

Valério Brittos: Certo. Sim, a televisão para mim é tudo isso. Ela é fluxo e não é fluxo. No caso da televisão tradicional, ela ainda é fluxo. As pessoas até podem ir lá, baixar um determinado conteúdo e assistir quando quiserem, se usarem um sistema de gravação. Agora, a televisão transmite em fluxo. No caso da interatividade podem ser disponibilizados conteúdos a mais, mas eu nem vejo dessa maneira... Eu tô vendo, na verdade, é o mesmo fluxo, por onde seriam disponibilizados conteúdos interativos, que não precisam ficar muito tempo parados ali, porque estão ocupando espaço. São informações complementares em vídeos de muito baixa resolução, mas que possam ser manipulados minimamente, pelas pessoas, em pequenas telas, que vão se sobrepor em determinados cantos.

CarlosTourinho: Para a gente concluir, então, a interatividade é um passo necessário para a boa qualidade do telejornal?

Valério Brittos: Eu acho que sim. E eu nem digo que seja pela boa qualidade... Porque o telejornal, se nós pensarmos numa forma ideal, ele teria um conteúdo tratado com profundidade e com matérias longas. O problema é que hoje não há um caldo de cultura para isso. As matérias já não podem ser tão longas e as pessoas querem mais. Então, eu diria que (a interatividade) é um passo para um telejornal que queira ser competitivo. É uma questão muito mais concorrencial do que qualitativa. Então, para que um telejornal seja competitivo é fundamental que seja muito dinâmico. É quase como se a televisão fosse um grande clipe. Eu acho que essa é a televisão de hoje.

* **Carlos Alberto Moreira Toutinho** é jornalista Profissional desde 1984, editor do Bom Dia ES na TV Gazeta/Rede Globo (ES), comentarista da rádio CBN-Vitória, colunista do Jornal A Gazeta e blogueiro (grandepublico.blogspot.com e colunainovacao.blogspot.com).

Professor, doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, onde está integrado ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade -CECS. Pesquisador do campo da Televisão, Telejornalismo, Interação e Inovação. É associado à Intercom, SBPJOR, ABI e SOPCOM. É autor de 3 livros: 10 Desafios para a Gestão Pública no ES; Jornalismo Regional e Optativo na Rede Globo; Inovação no Telejornalismo.